

Desenvolvimento & Desigualdade no Amazonas II

Nilson Pimentel (*)

Passados esses primeiros meses do governo Temer se tem a constatação que o legado que os governos de esquerda (PT, principalmente) deixaram ao Brasil foi uma completa desgraça política que arrastou a economia brasileira a uma crise sem precedente na História Econômica Brasileira (HEB).

Com isso, se vive com resultados ainda imprevisíveis, pois quanto mais se demora em fazer a economia tender ao equilíbrio, mais críticas permanecem as variáveis macroeconômicas, como o desemprego crescente e acentuado, crescimento negativo do Produto Interno Bruto (PIB), aumento de saques do fraco sistema de poupança interna, fuga de capitais de investimentos produtivos diretos e/ou de capitais de risco, taxas de juros maiores do mundo, significando que a indústria de transformação está parada e decrescendo com o processo de desindustrialização em subsetores de base, provocando baixa de oferta, o que leva a queda na demanda, principalmente provocada pelo endividamento acentuado das famílias, o que está resultando num perigoso círculo vicioso de pobreza.

Como já vinha acontecendo, o PIB teve outra queda acentuada nesse 3º trimestre de 2016, passando de -0,4% do trimestre passado para atuais -0,8%, amontoando o sétimo resultado negativo consecutivo, até então.

Assim, a situação piora a cada tempo, sendo que uma das variáveis macroeconômicas mais importantes ao processo de crescimento econômico futuro, o investimento caiu em 3,1%, assim como o consumo decresceu mais ainda, em -0,6%, como se pode ressaltar, o processo recessivo continua, comprometendo quaisquer resultados positivos almejados para 2017.

Entretanto, para determinados subsetores, como o do agrobusiness de grãos, de carnes, de frutas tropicais, ainda possuem margem de crescimento, principalmente no mercado externo de commodities de alimentos.

No entanto, se ressalta que a economia brasileira está em estado grave e em lastimável situação de desequilíbrio generalizado, a permanecer por longo período nessa grave crise.

Por outro lado, os estados federados devem procurar caminhos próprios para seu desenvolvimento econômico regional, sem que isto tenha que seguir modismo que de quando em vez, varre o metier do sistema econômico mundial, como economia verde, economia criativa, economia colaborativa, bioeconomia etc, mas seguir seus potenciais regionais, como vantagens absolutas que detenham as possibilidades de alavancar seus próprios 'modelos' de metodologias de processos a serem desenvolvidos de forma que aproveitem esses potenciais econômicos, transformando-os em atividades econômicas de alguma forma racional.

O Estado do Amazonas é uma daquelas regiões do planeta que está dotada de imensos repositórios de mananciais minerais, de flora e fauna, de processos climáticos e do ciclo completo do carbono que afeta todo o globo terrestre, além do mais, é detentora do maior volume de água potável da terra, com exceção das geleiras glaciais.

Toda essa grandeza como obra natural sem que se tenha nenhum custo econômico para constatá-la sua existência, no entanto, somente se poderá transformá-la em potencial econômico por intermédio do conhecimento científico e tecnológico e com mais investimento produtivo direto se poderá chegar a produto.

No entanto, o cenário que se descortina não é dos melhores nas hostes governamentais, federal e estadual, nesse curto prazo até 2018, haja vista a total ausência de planejamento que coloque essa importante região no cerne das questões econômicas do Brasil e do Amazonas.

Aqui no Amazonas, intramuros, a gestão pública e a classe política são incapazes de esboçar quaisquer vislumbres de ações que leve ao Planejamento Estratégico Econômico e que encaminhe a Economia do Amazonas a um

futuro com possibilidades de trilhar seus próprios caminhos de desenvolvimento econômico regional, sem a estrita dependência externa.

Como em todo sistema econômico, a existência de conhecimentos sobre os fatores da competitividade absoluta de determinada região, por si só não a transforma, como fica comprovado no Amazonas, onde há tempos existem grupos de conhecimentos sobre questões da macroeconomia estadual amazonense, sem nenhuma sinergia, estudam e detectam a existência de imensos mananciais de recursos naturais, os quais, em grande maioria, possuem as condicionantes de transformá-los em potenciais econômicos imediatos e outros tantos em matérias primas diretos.

Como na Ciência da Economia não há milagres e demanda tempo para maturar o equilíbrio das variáveis macroeconômicas, quanto antes os agentes econômicos se propuserem a realizar ações indutoras, mais 'cedo' se poderá colher alguns resultados.

No Amazonas se tem uma planta de conhecimentos de mais alta significância para o aproveitamento desses recursos naturais abundantes, o CBA – Centro de Biotecnologia da Amazônia, o qual em mais de uma década está paralisado de suas funções básicas, assim como, as academias, a Universidade Federal do Amazonas e Universidade do Estado do Amazonas, o quase septuagenário INPA – Instituto de Pesquisas da Amazônia, os quais desempenham função importantíssima no contexto do desenvolvimento econômico regional de base endógena, como o estado do Amazonas possui a primazia no Brasil para esse requisito.

Sempre que se discutem esses aspectos do desenvolvimento regional no Clube de Economia da Amazônia (CEA), se tem a impressão que se anda em círculo como se estivéssemos perdidos na imensa floresta amazônica, tateia-se e tateia-se, sem encontrar uma saída plausível que resulte em algum programa de desenvolvimento econômico regional que seja capaz de alavancar o tão almejado futuro promissor, principalmente quando se si imiscui com a politicagem que grassa nessas instituições.

Os economistas que debatem no CEA, mesmo descrentes nos governos que aí estão colocados e, nos esdrúxulos processos institucionais como atuam, a não adoção de sinergias de ações, na ausência de PEE, etc, possuem crença que algo haverá de acontecer para que possam olhar sobre o muro de subdesenvolvimento que encerra o Amazonas, e na visão dessa grandeza que nos envolve haverá de libertar os amazonenses desse abandono e da estagnação econômica que se encontra.

De um lado, pelo reconhecimento mundial de fatores positivos que essa grandeza causa às regiões sudeste e sul do Brasil e às diversas regiões do mundo.

Somente para lembrar apenas um fator que o Amazonas possui impar das demais regiões do mundo, seu bioma, o qual não se sabe como aproveitar economicamente para a indústria do Turismo, em suas diversas vertentes; água, flora e fauna. É uma lastima que assim ocorra.

() Economista, Engenheiro e Administrador de empresas, com pós-graduação: MBA in Management (FGV), Engenharia Econômica (UFRJ), Planejamento Estratégico (FGV), Consultoria Industrial (UNICAMP), Mestre em Economia (FGV), Doutor em Economia, Consultor Empresarial e Professor Universitário: nilsonpimentel@uol.com.br.*